



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

MASSAS

Órgão do Partido
Operário Revolucionário

(11) 95446-2020 pormassas.org

22 de março de 2026



Manifesto do Partido Operário Revolucionário **XVIII Congresso** **À classe operária, aos demais** **trabalhadores e à juventude oprimida**

Encerramos o XVIII Congresso reforçando o objetivo de impulsionar a construção do POR no interior da classe operária que constitui a força motriz da revolução social e de concentrar esforços na tarefa histórica de reconstruir o Partido Mundial da Revolução Socialista, a IV Internacional.

Em todo o mundo, os explorados se veem diante da necessidade de se organizar, se mobilizar massivamente e se levantar em defesa das condições mais elementares de existência. As forças produtivas do capitalismo há muito criaram os meios materiais para resolver a miséria e a fome e para superar o atraso econômico da imensa maioria dos países semicoloniais. Contraditoriamente, a pobreza, a miséria e a fome que sacrificam milhões de seres humanos continuam sendo reproduzidas e ampliadas.

O precipício que separa o pequeno número de países altamente desenvolvidos da imensa maioria dos países atrasados não só se mantém como se aprofunda ainda mais. As leis de funcionamento do sistema capitalista de produção e distribuição continuam a elevar o alto grau de concentração de riqueza em poder de uma oligarquia burguesa e a potencializar o crescimento da pobreza e da miséria.

Em todo o ciclo de avanço científico e tecnológico, ocorrem contundentes mudanças no interior da força de trabalho. Resguardadas as devidas particularidades, em geral as massas trabalhadoras se veem diante do desemprego e subemprego. A tendência é de redução salarial para a maioria. Esse fenômeno alcançou proporções extraordinárias que resultam em barbárie social.

Com a automação, chegou-se ao auge da subordinação da força de trabalho ao maquinário. A antiga divisão capitalista do trabalho se acha esgotada e volta-se destrutivamente contra a vida da maioria trabalhadora. As contrarreformas que vêm sendo impostas em toda a parte concluem em eliminação de conquistas do movimento operário. A burguesia que gerencia o grande capital se utiliza da vasta reserva de força de trabalho para alterar velhas relações trabalhistas. Age no sentido de reduzir o valor da força de trabalho. A mutilação da classe operária se manifesta como a mais alta expressão do curso da barbárie imperante em meio à civilização capitalista.

A defesa das conquistas dos explorados e o combate às contrarreformas orientam a luta do proletariado contra o desemprego, subemprego, terceirização, informalidade, baixos salários, miséria, fome e toda sorte de discriminação e enfermidade social. De conjunto, esses

ataques e essas condições de existência da maioria oprimida reforçam a comprovação marxista de que o capitalismo há muito não comporta reformas progressivas. Ou a classe operária e os demais explorados reagem com seu programa e seus métodos próprios de luta, ou a barbárie social continuará sendo impulsionada pela política dos Estados burgueses. Eis por que a luta de classes tende a se agravar em todo o lugar, de acordo com as particularidades de cada país.

É inevitável que os oprimidos reajam instintivamente em defesa dos empregos, salários e direitos. Que condenem as contrarreformas. Que se voltem contra os governantes. E que se revoltem diante das catástrofes sociais. O problema, portanto, de como responder à barbárie capitalista não está na luta de classes, mas sim na crise histórica da direção do proletariado. Essa premissa do “Programa de Transição para a Revolução Socialista”, da IV Internacional se impõe no atual momento de decomposição do capitalismo. Trata-se de recuperar o terreno perdido para a contrarrevolução, que impôs duros retrocessos às conquistas revolucionárias do proletariado.

O XVIII Congresso do POR se assenta na compreensão de que a tarefa da vanguarda com consciência de classe é a de estar à frente dos combates dos explorados. É a de empunhar as reivindicações mais elementares que os unem contra a classe capitalista e seu Estado e a de dirigir o combate das massas ao programa da revolução social.

As resoluções sobre a situação internacional e nacional acabavam de ser redigidas, quando em 3 de janeiro as forças militares norte-americanas atacaram a Venezuela e sequestraram o seu presidente, Nicolás Maduro. Em seguida, os Estados Unidos e Israel, em 28 de fevereiro, retomaram a guerra contra o Irã, que tinha se iniciado em junho de 2025. Também em fevereiro, o Paquistão se declarou em guerra com o Afeganistão. A guerra na Ucrânia, por sua vez, completava quatro anos, em fevereiro e a invasão de Israel à Faixa de Gaza perpassava mais de dois anos.

Os Estados Unidos são os principais responsáveis por essas guerras. Somente no seu primeiro ano de governo, Trump autorizou bombardeios em sete países, incluindo a Síria, Iraque, Nigéria, Iêmen e Somália. As guerras, os bombardeios e as ameaças de intervenção por parte dos Estados Unidos expõem o avançado estágio de decomposição do capitalismo e a necessidade do imperialismo de aumentar o seu controle em todos os continentes.

A partilha do mundo e a reconstrução econômica resultantes da Segunda Guerra Mundial se esgotaram e deram lugar à renhida guerra comercial e à escala militar. A eleição de Trump refletiu a debilidade do governo do democrata Biden em recrudescer a guerra comercial com a China e impor condições à Rússia de forma a ceder terreno à penetração dos capitais imperialistas na Eurásia.

Os Estados Unidos impulsionaram as tendências da crise na Europa e no Oriente Médio. Mas foi com a eleição de Trump que a maior potência decidiu abertamente sustentar sua hegemonia combinando o poder econômico com o poder das armas. Ao dar a supremacia ao poderio bélico, os Estados Unidos assumiram a responsabilidade de desmoronar a ordem do pós-guerra. Assim se passa porque sua economia já não pode ser o carro-chefe do mercado mundial, seu declínio avança em ritmo mais acelerado e está no epicentro da decomposição do capitalismo. A guerra comercial desfechada por Trump abriga a preparação do enfrentamento militar com a China.

Nesse marco, os Estados Unidos utilizaram o choque do Estado sionista de Israel com os palestinos para chegar à guerra contra o Irã e arrastar o Oriente Médio para tamanha conflagração. Há sinais de que uma nova crise do petróleo acirrará os antagonismos entre os países e recrudesce os ataques da burguesia às condições de existência da maioria explorada. Os incessantes bombardeios ao Irã e a retomada da invasão ao Líbano pelas Forças de Defesa de Israel estão prestes a completar um mês e, tudo indica, que a destruição e a carnificina desfechadas pelo imperialismo serão ainda maiores, caso o Irã e o Líbano não sejam defendidos pela classe operária e pelos demais explorados.

A resistência do Irã se apoia na projeção da crise mundial alimentada pela crise energética. Os seus reflexos já se fazem sentir como um peso na economia norte-americana. Trump exige que as potências europeias e a própria China apoiem militarmente o objetivo do imperialismo de quebrar a resistência iraniana. A decisão unilateral dos Estados Unidos e de Israel em desfecharem a guerra agravou os atritos nas entranhas das próprias potências imperialistas. O que também dificultou arregimentar as monarquias do Golfo Pérsico. Está claro que os Estados Unidos e Israel não atingirão o objetivo de derrubar o regime nacionalista da República Islâmica. Vão fazer de tudo para alcançar uma avassaladora destruição da economia iraniana. O que resulta em comprometer as condições de existência da classe operária e de milhões de iranianos que vivem do trabalho.

O imperialismo impõe suas condições de dominação escalando a barbárie social. Inevitavelmente, tal consequência atingirá o Oriente Médio como um todo. Já não há país que não esteja enfrentando os tremores dos choques provenientes dos interesses das potências, tal é o grau de interdependência estabelecida entre as economias nacionais.

O cerco naval e aéreo montado pelos Estados Unidos à Venezuela e a invasão do país sempre estiveram claro que não eram apenas um ataque aos venezuelanos, mas à América Latina. O controle da riqueza petrolífera pelo imperialismo imediatamente foi utilizado para sufocar ainda mais Cuba. Está em curso uma operação

destinada a derrubar o regime herdeiro do castrismo, que com grandes dificuldades consegue subsistir. O rompimento da aliança do governo nacionalista da Venezuela com Cuba se fez por meio da imposição armada. A luta do proletariado contra a ofensiva do imperialismo se dá no terreno da defesa das conquistas da Revolução Cubana, sob a bandeira dos Estados Unidos Socialistas da América Latina.

Trump movimenta o poderio do imperialismo norte-americano para derrubar o que resta de governos nacional-reformistas na América Latina. Arregimenta uma aliança contra a penetração econômica da China no continente. A mais nova invenção de Trump é a de qualificar o tráfico de drogas como narcoterrorismo, para assim ter uma justificativa ao intervencionismo militar.

O Brasil deve se manter na órbita histórica dos ditames do capitalismo norte-americano. É estratégico tanto como mercado quanto fonte de matérias-primas, destacando como um grande possuidor de terras raras. A guerra comercial vem sendo utilizada para levar o país a limitar ao máximo suas relações com a China. A burguesia brasileira sempre foi e continua sendo servil ao imperialismo norte-americano. Nisso reside a limitação do governo Lula em se abrigar sob a bandeira de soberania nacional. Não pode se apoiar nas massas para reagir aos ataques dos Estados Unidos. As ilusões sobre as possibilidades de realizar reformas progressivas se esvaziaram. A política dominante é ditada, em última instância, pela direita e ultradireita que se assentam nos poderes oligárquicos da federação.

O fracasso do reformismo petista acaba por favorecer o poder da burguesia nacional sobre a maioria oprimida. Ao conter a luta da classe operária e desviá-la para a democracia oligárquica, os reformistas atrasam a confluência dos instintos de revolta com seu programa próprio de reivindicação e com a estratégia da revolução social. Uma das maiores contribuições do PT e aliados à classe capitalista foi a de terem elevado a estatização dos sindicatos ao ponto mais alto da conciliação de classes. A burocracia corrompida pela política burguesa praticamente eliminou a democracia sindical. Grande parte da classe operária foi afastada e marginalizada de suas organizações. A tarefa de arrancar os sindicatos do controle da burocracia conciliadora faz parte da luta pela independência de classe do proletariado.

O XVIII Congresso avalia como um grande acerto a posição do POR de desenvolver no seio dos explorados a bandeira de Oposição Revolucionária ao governo burguês de Lula, defendendo o programa próprio de reivindicações, mostrando o caminho da unidade operária, impulsionando a ação direta e indicando a estratégia da revolução social, que se concentra na luta pela constituição de um governo operário e camponês. É com essa linha que o POR vem propagandeando e agitando as bandeiras anti-imperialistas de defesa das nações oprimidas e combatendo as guerras de dominação. Das condições objetivas, emerge a necessidade de constituição da frente única anti-imperialista.

Com este Manifesto, o POR mostra aos explorados a necessidade de fortalecer o seu partido proletário no Brasil e de reconstruir o Partido Mundial da Revolução Socialista, a IV Internacional.

**Viva a construção do Partido Operário
Revolucionário!**

